

## Resumo

O objetivo do artigo é apresentar as contribuições do filósofo francês Paul Ricoeur e do psicólogo social brasileiro Antonio da Costa Ciampa para a crítica da identidade. Para tanto, trata-se de discutir como os dois autores desenvolveram suas teorias sobre a identidade narrativa e identidade metamorfose. Além disso, o artigo assinala as diferentes categorias desenvolvidas pelos autores (mesmidade e ipseidade; mesmice e mesmidade) ao tratar dos problemas que se depararam: a) permanência da identidade no tempo e b) aparência de não-metamorfose da identidade. Finalmente, é apresentada as proximidades e diferenças em suas perspectivas, de modo a oferecer ao leitor elementos importantes para pesquisas e estudos acerca da identidade na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Psicologia Social; Identidade Metamorfose; Identidade Narrativa; Antonio da Costa Ciampa; Paul Ricoeur.

## Abstract

The aim of this paper is to present the contributions of the French philosopher Paul Ricoeur and the Brazilian social psychologist Antonio da Costa Ciampa to the critique of identity. In addition, the article points out the different categories developed by the authors (sameness and selfhood) to address the problems encountered: a) the permanence of identity at the time and b) the appearance of non-metamorphosis of identity. Finally, it is presented the proximities and differences in their perspectives in order to provide the reader with important elements for research and studies about the identity nowadays.

**Keywords:** Social Psychology; Metamorphosis Identity; Narrative Identity; Antonio da Costa Ciampa; Paul Ricoeur.

<sup>1</sup> Graduado em Psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba. Mestre em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Psicologia da Universidade Metodista de Piracicaba. Membro do PARALAXE: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica - UFC. E-mail: vc\_furlan@hotmail.com.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Parallaxe: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica. E-mail: aluisiolima@hotmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do PARALAXE: Grupo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social Crítica - UFC. Atualmente é Bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Ceará. E-mail: psico\_bia@hotmail.com.

## CIAMPA E RICOEUR: CONTRIBUIÇÕES PARA A COMPREENSÃO CRÍTICA DA IDENTIDADE

O filósofo francês Paul Ricoeur e o psicólogo social brasileiro Antonio da Costa Ciampa são autores de áreas de conhecimento que têm discutido a questão da identidade de um ponto de vista crítico, desconstruindo quimeras que tratam de compreendê-la como um traço estático, cristalizado e numérico. Os autores consideram que não é apenas a narrativa da veracidade dos fatos que aconteceram ao longo da história de uma pessoa que possibilitam compreender o processo de constituição de sua identidade, mas também a narrativa ficcional de sua história, a maneira como o sujeito dá sentido e narra essa interpretação. É o entrecruzamento da narrativa da história e da narrativa de ficção que possibilita a compreensão do processo de constituição identitária.

As proposições de identidade de Ricoeur e Ciampa apresentam mais proximidades do que distanciamentos, sobretudo porque partem da premissa de que a identidade é movimento somente apreensível por meio da narração. Todavia, a mesma proximidade entre as teses da identidade narrativa e da identidade metamorfose podem favorecer alguns equívocos quando observamos como foram desenvolvidas por cada autor, tornando necessária a análise de como se interconectam e como essas são aplicadas na análise de narrativas. Com o intuito de corroborar com a explicitação da proximidade teórica entre os dois autores e a distinção que os mesmos fazem de suas categorias analíticas, o objetivo principal desse ensaio é apresentar como Ricoeur e Ciampa compreendem a identidade.

Ricoeur é um representante da tradição do pensamento filosófico francês e em sua vasta obra tem oferecido contribuições importantes para os debates sobre o tempo, a linguística, o existencialismo, a fenomenologia, a hermenêutica e a identidade narrativa. No que se refere a esta última, a preocupação com os estudos da identidade, mais especificamente com a identidade narrativa, aparece ao longo de vários trabalhos desse autor, sendo que suas contribuições mais significativas são apresentadas, de modo ainda iniciante, como recurso para a compreensão da permanência no tempo no último volume da trilogia *Tempo e Narrativa*<sup>1</sup>, publicada em 1985, e, aprofundadas, nos 5° e 6° estudos de *O Si-Mesmo Como Um Outro*, publicado em 1990<sup>2</sup>.

Nesses trabalhos, Ricoeur (2010) assinala que a “união da história e da ficção é a *atribuição* a um indivíduo ou a uma comunidade de uma identidade específica que podemos chamar *identidade narrativa*” (p. 418, grifos do autor), em outras palavras, a “história contada diz o quem da ação. Portanto, a identidade do quem não é mais do que uma identidade narrativa” (Ricoeur, 2010, p. 424, grifos do autor). É na narração da própria história que é possível construir, juntamente com o narrador, a compreensão de si, no entrecruzamento da ficção e da biografia. O que pode distinguir duas pessoas, ou duas realidades objetivamente idênticas, é sua história respectiva, isto é, a narrativa, o que se pode contar de cada uma delas (Dartigues, 1998).

Ciampa, por sua vez, está alinhado a uma tradição de pensamento dentro da Psicologia Social brasileira, mais especificamente a Psicologia Social Crítica. Seu

<sup>1</sup> Conforme assinalou Ricoeur (1991, p. 138), a “noção de identidade narrativa, introduzida em *Tempo e Narrativa III* respondia a uma outra problemática: ao fim de uma longa viagem através da narrativa histórica e narrativa de ficção, eu me perguntei se existia uma estrutura da experiência capaz de integrar as duas classes de narrativas. Elaborei a hipótese segundo a qual a identidade narrativa, seja de uma pessoa, seja de uma comunidade, seria o lugar procurado desse cruzamento entre história e ficção”.

<sup>2</sup> Destaca-se as datas originais da publicação das obras de Paul Ricoeur, todavia iremos trabalhar com as datas de suas traduções para o português.

interesse pela articulação entre teoria e práxis obriga esse autor a buscar referenciais teórico-metodológicos que possam articular de forma indissociada a Psicologia Social, a pesquisa de identidade e a ação política (Ciampa, 1977; 1987; 2002; Lima; Ciampa, 2012). E de fato, durante praticamente uma década, entre meados de 1970 e meados de 1980, esses ideais foram amadurecendo até se transformarem na convicção de que a identidade é metamorfose humana (Ciampa, 1987).

Na *A estória de Severino e a história de Severina*, publicada originalmente em 1987, trabalho resultante de sua tese de doutorado, o autor procura superar a produção de conhecimento dentro da Psicologia que lidava com a identidade como sendo um traço estático que define o ser, uma identidade que se cristaliza, que é imóvel e imutável, que determina o sujeito, num sentido não transformacional.

A alternativa encontrada para tanto foi realizar uma pesquisa teórico-empírica, em que a estória de uma personagem ficcional – Severino do poema “Morte e Vida Severina”, do escritor brasileiro João Cabral de Melo Neto — e a história de uma personagem da vida real, uma das muitas Severinas que vivem em nossa sociedade —, são articuladas para demonstrar como o singular pode materializar o universal (Lima; Ciampa, 2012, p. 13).

Ciampa se apropria da narrativa de história de vida como metodologia de pesquisa a fim de defender que a identidade dos humanos é constitutivamente social, onde narrador e interlocutor são indissociáveis, de modo que partilham a tarefa de “compreender os significados que constituíram o momento onde se vive o acontecimento e os sentidos do momento em que

ele é lembrado” (Antunes, 2012, p. 73). Assim, é possível que o narrador faça uma interpretação do que viveu e do que deseja vir a ser, atribuindo novos sentidos a estes acontecimentos.

Embora categorizem a identidade por denominações diferentes, em última instância, tanto Ricoeur, com a noção de identidade narrativa, quanto Ciampa, com a noção de identidade metamorfose, tratam de tentar resolver o caráter complexo da identidade ao longo do tempo e defendem a ideia de que a mesma sofre um processo constante de transformação, na construção de um outro ou de outros.

Ricoeur e Ciampa, na tentativa de compreender os processos do fenômeno identitário, notam que, ora a identidade aparece como repetição do mesmo, como algo imutável, ora como transformação e produção de uma nova forma de expressão identitária, como algo mutável. Deste modo, para lidar com o fato de a identidade aparecer como reposição do mesmo, bem como processo de transformação, cada um propõe dois movimentos da identidade que serão desenvolvidos a seguir, respectivamente: mesmidade e ipseidade; mesmice e mesmidade.

### **A PERMANÊNCIA NO TEMPO COMO UM PROBLEMA DE IDENTIDADE EM RICOEUR: A MESMIDADE/IPSEIDADE**

Como se pode perceber, os autores recorrem à narrativa pois entendem que é por meio dela que é possível conhecer tanto a identidade de um indivíduo quanto a de uma comunidade. Ricoeur (1991) destaca que na história de um indivíduo o sujeito retifica e ordena as narrativas que faz de si até que nelas se reconheça. O autor ainda retrata a história do Israel bíblico para demonstrar como a narrativa da comunidade possibilitou, por meio dos textos que produziu de si mesma, construir sua iden-

tidade de povo judeu. Ricoeur destaca que é “com a questão da *permanência no tempo* que a confrontação entre nossas duas versões da identidade ocasiona, pela primeira vez, um verdadeiro problema” (1991, p. 140, grifos do autor).

A identidade narrativa é trabalhada por Ricoeur a partir de dois conceitos fundamentais: a confluência da identidade como mesmidade (do latim *idem*) e da identidade como ipseidade (do latim *ipse*). E, uma vez que estes conceitos são ressaltados na obra do autor por conta da noção de tempo presente na narração, é importante abrir um breve espaço nessa discussão para trazer a noção do tempo, que para Ricoeur possui uma relação estreita com a narração.

Castro (2012) destaca que Ricoeur relacionou a “narrativa” com a “temporalidade” numa esteira de interações dinâmicas e recíprocas.

Ambas — a narratividade e a temporalidade — se vinculam por laços muito estreitos. Se, por um lado, a “temporalidade” é uma estrutura da existência que acede à linguagem mediante a narratividade, a “narratividade”, por sua vez, consiste numa espécie de estrutura linguística que tem como referente último a temporalidade. Em outras palavras, uma narrativa possui a função de atribuir e manifestar a temporalidade implícita na existência humana. Realmente, é possível vislumbrar uma dada história como um desenrolar de transformações que nos levam de uma situação inicial — marcada por dada “identidade” — até uma situação derradeira, conseqüentemente distinta. A “identidade narrativa” dependerá das transformações subjetivas e objetivas verificadas nesse desenrolar

dos eventos, que podem referir-se tanto a uma trama ficcional, quanto à história de uma vida (Castro, 2012, p. 620).

O dilema do sujeito idêntico a si mesmo desaparece na medida em que substituímos a identidade compreendida no sentido de um mesmo (*idem*) pela identidade compreendida no sentido de um si mesmo (*ipse*). A “ipseidade pode escapar ao dilema do Mesmo e do Outro, na medida em que sua identidade repousa numa estrutura temporal conforme ao modelo de identidade dinâmica oriundo da composição poética de um texto narrativo” (Ricoeur, 2010, p. 419).

A ipseidade é reconfigurada no movimento reflexivo das configurações narrativas, ou seja, a identidade narrativa, de modo distinto da identidade abstrata do Mesmo, “é constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade na coesão de uma vida” (Ricoeur, 2010, p. 419). O autor retoma a trama dessas categorias e traz uma definição que pode facilitar nosso entendimento no livro *Percurso do Reconhecimento* (2006): a identidade do *idem* como estado imutável e a identidade do *ipse* como instante mútavel.

Dartigues (1998) destaca que a ipseidade concerne ao aspecto subjetivo da permanência no tempo e diz respeito ao que Ricoeur chama de *livre manutenção de si*. O polo da livre manutenção de si se inscreve no registro da ética e se exprime na resposta que o si dá quando indagado pelo outro de “onde você está?”. O si responde, portanto, a esta indagação “eis me aqui!”, ou seja, delimita assim a responsabilidade do si pelo outro. Por sua vez, esta manutenção de si coloca a possibilidade de uma dialética entre a narratividade e a ética, na medida em que o sujeito é interpelado a responder “onde você está?” e “quem é você?”, que culmina na constância que im-

plica o entrave entre a responsabilidade e a imaginação narrativa da identificação de si.

O outro polo da identidade narrativa, a mesmidade,

no sentido de *idem*, está ligada basicamente à reidentificação do mesmo, como, por exemplo, quando há duas ocorrências da “mesma” coisa. Nesse sentido, se há duas ocorrências, há também dois momentos diferenciados, o que significa dizer que o fator “tempo” está implicado na sucessão de ocorrência (Castro, 2012, p. 621).

A categoria mesmidade, em Ricoeur, refere-se à noção do mesmo, do *idem*, daquilo que é possível reidentificar com relação ao mesmo. A mesmidade se relaciona à questão do “o quê?”, enquanto que a ipseidade refere-se à questão do “quem?”. Dessa forma, a identidade como mesmidade consiste num modo de permanência de estrutura, ou de substrato, que sirva de suporte à mudança, em que mesmo substituindo peças originais, há uma permanência contida, de um Mesmo.

La distinción ricoeuriana entre la identidad-*idem* e identidad-*ipse* fue formulada, ya lo hemos señalado, en la obra *Soi-même*, para explicitar lo que realmente se mantiene en la persona a lo largo del tiempo, de tal manera que se pueda decir que en él hay un núcleo de sí mismo, esto es, una identidad, a pesar de la distensión temporal. Dicho de otro modo, Ricoeur recusa la reducción de la identidad personal a un substrato inmutable que transformase la persona en un ser inmune

al cambio. Pero rechaza también todo punto de vista que reduzca la identidad humana a una pura disseminación. Necesita, pues, pensar lo que se mantiene en la persona, a lo largo del tiempo, de modo que en ella se pueda hablar de un sí mismo (Silva, 2006, p. 116).

Ricoeur (1991) ainda coloca duas categorias para analisar a permanência no tempo da identidade: o “caráter” e a “palavra considerada”. Quanto a primeira categoria, o autor a entende como sendo “o conjunto das marcas distintivas que permitem reidentificar um indivíduo humano como o mesmo” (Ricoeur, 1991, p. 144), e diz ainda, relacionando o caráter a categoria mesmidade, que esta “designa o conjunto das disposições duráveis com que reconhecemos uma pessoa” (Ricoeur, 1991, p.146).

É importante assinalar que, embora Ricoeur associe o caráter à mesmidade, o autor considera ainda uma abertura ao movimento daquele, o que permite a ele também ligar-se, embora às vezes de modo oculto, a ipseidade, na medida em que pode constituir o ponto limite da problemática em que o *ipse* torna-se indiscernível do *idem*, configurando uma forma de permanência no tempo como o recobrimento daquele pelo *idem*<sup>3</sup> (Ricoeur, 1991; Silva, 2006).

A segunda categoria, palavra considerada, Castro (2012, p. 621) assinala que esta “é um modelo de permanência no tempo diferente do caráter. A palavra mantida afirma uma manutenção de si. A fidelidade à palavra dada, a manutenção de si na promessa, corresponde à confiança que o outro põe na minha fidelidade”. Para Ricoeur (1991), a palavra considerada refere-se à ipseidade, uma vez que está relacionada à livre manuten-

<sup>3</sup> Este fenômeno do recobrimento do *ipse* pelo *idem* também irá aparecer em Ciampa quando discutirmos, mais adiante, a questão da identidade como aparência de não metamorfose, a qual este autor chama de identidade mito.

ção de si, um polo de inovação e de imprevisibilidade, passível de mudança e de transformação.

É na intriga que aparece em uma história que podemos encontrar a mediação entre a permanência e a mudança, entre a concordância e discordância dos momentos de uma história, e a possibilidade de entender a identidade em uma perspectiva dinâmica (Ricoeur, 1991). Deste modo, as circunstâncias destes acontecimentos se integram numa configuração unificante e significativa na narrativa. Por sua vez, é pela intriga que a personagem inscreve suas ações num tecido de eventos reportados nas ações narradas (Dartigues, 1998).

Dartigues (1998) assinala que esta dialética entre concordância e discordância repercute diretamente na personagem, na medida em que é possível identificar a concordância que dá unidade singular a uma vida e a discordância dos acontecimentos que a pessoa experiencia, que tendem a romper esta unidade e continuidade. Conforme destaca Ricoeur (1991, p. 176):

a pessoa, compreendida como personagem narrativa, não é uma entidade distinta de suas “experiências”. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem.

Sendo categórico, Ricoeur afirma em seu texto, a fim de enfatizar a importância da personagem numa narrativa, que a perda da identidade de uma personagem repercute, conseqüentemente, na perda da configuração de uma narrativa e na crise de sua conclusão. O filósofo traz como exem-

plo, o caso do romance escrito por Robert Musil, *O homem sem qualidades*, no qual, à medida em que a narrativa aproxima-se da anulação da personagem, o romance perde em qualidades narrativas. Podemos correlacionar este romance com o poema *Morte e Vida Severina*, analisado por Ciampa, de modo que, na medida em que o personagem Severino encontra-se impossibilitado de afirmar sua identidade, caminha em destino à morte.

### **A APARÊNCIA DE NÃO-METAMORFOSE COMO PROBLEMA DE IDENTIDADE EM CIAMPA: A MESMICE/MESMIDADE**

Na leitura de *A História de Severina e a Estória de Severino* (1987), vemos que a preocupação e o modo como Ciampa lida com as problemáticas postas à questão da identidade segue um caminho muito próximo do traçado por Ricoeur. Em sua tese, Ciampa (1987) defende a ideia de que identidade é metamorfose. Entendendo, assim como aquele, que a identidade não constitui algo dado, de caráter meramente descritivo e estático, mas sendo a articulação entre a igualdade e a diferença, entre subjetividade e objetividade.

A identidade como metamorfose, nesse sentido, pode ser entendida como uma constelação conflitiva ou uma configuração mais ou menos cambiante de posições subordinadas de si-mesmo. Posições subordinadas que não são fixas ou complacentes (ainda que algumas vezes aparentemente se transformem em fixações, como é o caso de determinadas personagens que se transformam em fetiches ou subsuem a identidade de determinados sujeitos). Logo, para que se possa compreender a identidade em sua

função dinâmica, enquanto metamorfose, torna-se necessário que se assuma o desconforto de compreendê-la em seu ponto de oscilação e de instabilidade (Lima, 2014, p. 23-24).

Metodologicamente isso implica defender que a identidade passa a ser vista, expressada empiricamente, por meio de personagens, e que é a articulação dessas personagens que vai constituir a identidade. Como o próprio Ciampa explica, “podemos dizer que as personagens são momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (1987, p. 198).

Como exposto, a identidade se expressa a partir de várias personagens, isso implica em admitir que é impossível viver sem personagens, na medida em que sempre nos apresentamos como representantes de nós mesmos frente aos Outros. Essa concepção de identidade implica também em admitir que quando nos apresentamos aos outros torna-se impossível expressar nossa totalidade, ou seja, “posso falar por mim, agir por mim, mas sempre estou sendo o representante de mim mesmo. O mesmo pode ser dito do outro frente ao qual compareço (e que comparece frente a mim)” (Ciampa, 1987, p. 170-171).

Um jogo de interação em que se estabelece uma complexidade impossível de estabelecer um fundamento originário para cada personagem, “não só a identidade de uma personagem constitui a de outra e vice-versa (o pai do filho e o filho do pai), como também a identidade das personagens constitui a do autor (tanto quanto a do autor constitui a das personagens)” (Ciampa, 1977, p. 60). Além disso, para Ciampa existem “múltiplas personagens que ora se conservam, ora se sucedem; ora coexistem, ora se alternam”.

(...) as personagens são vividas pelos atores que as encarnam e que se transformam à medida que vivem suas personagens. Enquanto atores, estamos sempre em busca de novas personagens; quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas; quando se tornam impossíveis tanto novas como velhas personagens, o ator caminha para a morte simbólica ou biológica (Ciampa, 1987, p. 163).

Esse autor afirma que “as personagens são momentos da identidade, degraus que se sucedem, círculos que se voltam sobre si em um movimento, ao mesmo tempo, de progressão e de regressão” (Ciampa, 1987, p. 205). Podemos ver, portanto, que a categoria personagem permite a este autor afirmar que a identidade nunca é caracterizada por um ser acabado, mas por um estar sendo, isto é, a identidade é sempre um vir-a-ser, é constante processo de transformação, é metamorfose.

Ao defender que identidade é metamorfose, Ciampa percebe que tal afirmação pode parecer um tanto estranha, pois, em determinadas situações, a metamorfose da identidade aparece como não-metamorfose, como não-movimento, como não-transformação, que vai revelar o que o autor discutiu como sendo a expressão de uma identidade mito: a aparência de não-metamorfose enquanto reposição constante do mesmo.

O que Ciampa ensina é que esse é um fenômeno que oferece ao indivíduo uma experiência ilusória de atemporalidade: como ser social ele é um ser-posto. Sendo que ocorre o problema da conservação da mesmice quando essa situação leva ao impedimento da busca por emancipação, culminando naquilo que ele chama de “fetichismo da personagem”, que vai explicar “a quase impossibilidade de um indivíduo atingir a condição de *ser-para-si*, ocultando

a verdadeira natureza da identidade como metamorfose e gerando o que será chamado *identidade mito*” (Ciampa, 1987, p. 146, grifos do autor).

Para lidar com o fato de que, muitas vezes, os sujeitos aparentemente permanecem os mesmos, esse autor propõe duas categorias: “*mesmice*” e “*mesmidade*”. A *mesmice* diz respeito a um processo que decorre da reposição de personagens “que pode se dar como consciente busca de estabilidade identitária ou inconsciente compulsão à repetição” (Lima & Ciampa, 2012, p. 18).

Quando o fenômeno da *mesmice* acontece “a personagem reposta é vista como dada permanente, como se aquele modo de agir – que é contingente e determinado por um contexto – fosse a manifestação de uma suposta essência do indivíduo, ou algo estrutural, ou inerente a ele” (Gonçalves Neto & Lima, 2011, p. 36).

De certa forma, reatualizamos, através de rituais sociais, uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo dado (e não como se dando continuamente através da reposição). Com isso, retira-se o caráter de historicidade da mesma, aproximando-a mais da noção de um mito que prescreve as condutas corretas, reproduzindo o social (Ciampa, 1987, p. 169).

A reposição da identidade, neste sentido, perde seu caráter temporal e passa a ser considerada como atemporal. Ao invés de um ser passante, o sujeito é visto como simples manifestação de um ser idêntico a si mesmo em permanência e estabilidade: afinal, como seres sociais, somos seres-postos. “A *mesmice* de mim é pressuposta como dada permanentemente e não como *re-posição* de uma identidade que uma vez foi posta” (Ciampa, 2009, p. 170, grifos do

autor). Processo contínuo e constante de re-posição de uma mesma personagem, mantendo a personagem presa à má infinidade – não superação das contradições, não negação das determinidades que o negam, que cria a aparência de não-metamorfose da identidade e impede muitas vezes que vejamos o processo de metamorfose.

Ser-para-si refere-se a possibilidade de buscar a autodeterminação, que não significa libertar-se das determinações exteriores, mas transformá-las em autodeterminação. É, portanto, buscar a articulação entre “a unidade da subjetividade e da objetividade que faz do agir uma atividade finalizada, relacionando desejo e finalidade, pela prática transformadora de si e do mundo” (Ciampa, 1987, p. 151).

A superação das personagens, como a expressão de um outro Outro que também sou eu, expressa o que o autor chama de *mesmidade*. Um outro que é negado por aquilo que sou, mas que também é negado por este outro que pode ser contrário àquilo que sou quando represento a mim mesmo. Sendo assim, na dialética da negação da negação, que constitui aquilo que sou, pode-se afirmar, em última instância, que sou um “Eu” e também sou meus contrários. Dito de outro modo, eu sou a articulação das diversas personagens que represento, como possibilidade de vários outros. Nas palavras de Ricoeur, o “si mesmo” como um outro.

Neste sentido, o outro Outro que também sou eu, enquanto representante de mim, nega os outros de mim, na mesma medida que os outros Outros que sou sem-estar-sendo negam aquilo que sou no momento que sou. Os outros de mim são expressos nos diversos cenários em que os encarno enquanto personagens quando me relaciono com Outros externos a mim; frente a meu pai sou filho, frente a meu filho sou pai, frente a meu professor sou aluno e frente a meu aluno sou professor, isto é, sempre me represento pelas minhas perso-



nagens. Quando a expressão das diversas personagens que estão em nós são negadas, caímos no aprisionamento do fetichismo da personagem que oculta nossas outras formas de ser, e a identidade tende assim a aparecer como algo estático, não mutável, aprisionando-nos numa única forma de ser, como numa clausura identitária.

Vemos, portanto, que a categoria mesmidade de Ciampa se assemelha a categoria ipseidade de Ricoeur, que concerne aquilo que é mutável na identidade, que se transforma, que se movimenta, que constrói novas personagens, que não é apenas o mesmo. Com base nesta explanação, pode-se entender porque Ciampa insiste em afirmar que identidade é metamorfose. Todavia, conforme o autor destaca, o que pode ocorrer é um processo de aparência de não-metamorfose, aparência de permanência, de uma identidade dada e não como se dando.

Esta aparência de não metamorfose e de permanência da identidade no tempo ocorre pelo fato de que a personagem é pressuposta como dada permanentemente e não como repetição que um dia foi posta. É como se o personagem dissesse eu sou, e não estou sendo. Analiticamente falando, é como se a mesmidade fosse recoberta pela mesmice, como se no processo de vir-a-ser, o vir (estou sendo) se tornasse apenas ser (sou), e a identidade como se dando estabilizasse como dada, e assim o processo de metamorfose que constitui a identidade sofresse a imposição da aparência de permanência da identidade, aparência de não metamorfose.

Antes que se possa cair na armadilha de associar a mesmice a um problema ou algo negativo, é importante enfatizar aqui que ela apenas o é sob a forma de um fetiche quando impede que o indivíduo alcance a condição de ser-para-si em busca de emancipação. O fetiche da personagem também pode ser entendido como um aprisionamento no mundo da mesmice e da

má infinidade (não superação das contradições). A atividade exercida pelo indivíduo deixa de ser empenhada, porém a predicação permanece. No exemplo dado pelo próprio autor: Severino “é lavrador” mas já “não lavra” (Ciampa, 1987, p. 144).

### **RICOEUR E CIAMPA: A NARRATIVA ENQUANTO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE COMO METAMORFOSE**

Conforme podemos observar, Ricoeur e Ciampa apresentam a concepção de identidade narrativa e de identidade metamorfose, respectivamente, em que a identidade não se apresenta apenas com o caráter descritivo, numérico e estático, sob a forma apenas de reposição do mesmo no tempo, mas como movimento, transformação, metamorfose. Ela expressa, portanto, não apenas a reposição do mesmo, do idêntico a si mesmo, mas, a possibilidade de superação, da construção de novas personagens, como processo de alteração na constituição de um outro Outro, sendo o problema da identificação relacionado a uma existência em vir-a-ser, e não uma substância imóvel, revelando o sujeito como produto histórico-social que sofre um processo de transformação constante durante a vida, ao mesmo tempo em que transforma a realidade.

A identidade compreendida na perspectiva de Ricoeur e Ciampa não se configura como uma unidade estável e imóvel, mas faz-se, desfaz-se, refaz-se, na medida em que é possível, assim como os fios de um tecido, formar a trama de uma vida a partir de seus muitos acontecimentos e enredos, que se interconectam numa relação de concordância e discordância de eventos, nos quais as diversas personagens, que expressam a identidade, são representadas em diferentes cenários de uma história num palco chamado vida.

Ricoeur (1991) e Ciampa (1987) entendem que uma história é história de personagens, portanto, não há personagens fora de uma história nem história ausente de personagens. Para eles, as personagens vão se constituindo umas às outras e os outros (personagens) com quem nos relacionamos têm papel fundamental na constituição das nossas (personagens), sendo coautores desse processo. É importante que fique claro que as categorias analíticas de mesmidade, em Ricoeur, que corresponde a explicação acerca da aparência de permanência ao longo do tempo, e mesmice, em Ciampa, que corresponde a reposição de uma mesma personagem, não necessariamente devem ser entendidas como problemáticas ou como algo negativo na vida dos sujeitos. A reposição de um Mesmo nos diferentes cenários em que os sujeitos atuam e encenam permite certa sociabilidade. A reposição da identidade também pode aparecer como um movimento ativo e consciente dos sujeitos como uma forma de escolha e de decisão por uma vida que cada um julgue digna de ser vivida.

Pode-se citar, por exemplo, o caso estudado por Gonçalves Neto e Lima (2011) sobre a História de Maria, uma liderança comunitária que se colocou como conselheira na organização do Conselho Local de Saúde de seu bairro na cidade de Sobral (CE), revelando que o movimento de reposição da personagem cuidadora, gestada na adolescência e reposta ao longo da vida (no hospital que trabalha e na comunidade), não implicou em seu aprisionamento, mas possibilitou um processo de alterização e de emancipação. A mesmice desta personagem não comporta um caráter de conformidade, simplesmente como uma imposição ou submissão ideológica de um papel, mas como uma forma de Maria fazer resistência frente às formas de opressão e como um movimento ativo do ator no processo de reposição de sua personagem, abrindo-se num horizonte emancipatório.

O movimento que é capturado por Ricoeur enquanto ipseidade, e que em Ciampa é denominado mesmidade, refere-se ao processo de alterização do sujeito, à possibilidade de um indivíduo de tornar-se outro. As categorias ipseidade e mesmidade, permitem a visualização de mudanças significativas, um salto qualitativo, resultante também do acúmulo de múltiplas mudanças quantitativas.

Ricoeur oferece uma alternativa de compreensão narrativa da identidade que permite a integração entre as duas classes de narrativas (histórica e ficção), permitindo a análise do processo de permanência e de transformação de sujeitos e comunidades ao longo do tempo. Ciampa, por sua vez, ao realizar a crítica a aparência de não-metamorfose apresenta uma alternativa para a análise dos papéis e *scripts* sociais, os quais podem ser negados pelos sujeitos. Os dois autores, portanto, apresentam mais proximidades que diferenças em suas perspectivas, sendo que a compreensão de suas proposições oferecem elementos importantes para as pesquisas e estudos acerca da identidade na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

- Almeida, J. A. M. (2005). *Sobre a Anamorfose: Identidade e Emancipação na Velhice*. Tese de Doutorado em Psicologia Social. PUCSP.
- Antunes, M. S. X. (2012). A compreensão do sintagma identidade-metamorfose-emancipação por intermédio das narrativas de história de vida: uma discussão sobre o método. In: LIMA, A. F. (Org.). *Psicologia Social Crítica. Paradoxos do Contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina.
- Ciampa, A. C. (1977). *A identidade social e suas relações com a ideologia* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

- Ciampa, A. C. (1987). *A estória de Severino e a história de Severina. Um Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense.
- Ciampa, A. C. Políticas de Identidade e Identidades Políticas. In, C. I. L. Dunker & Passos, M. C. (orgs.). *Uma Psicologia que se interroga: ensaios*. São Paulo: Edicon, 2002. p. 133-144.
- Castro, A. C. (2012). Tensões da identidade pessoal no Espelho de Machado de Assis. *Psicologia & Sociedade*, 24(3), 619-627.
- Dartigues, A. (1998). Paul Ricoeur e a Questão da Identidade Narrativa. In: *Cesar, C. M. (Org.). Paul Ricoeur: ensaios*. São Paulo: Paulus.
- Gonçalves Neto, J. U. & Lima, A. F. (2011). A história de Maria, uma jovem que se tornou uma cuidadora-que-fala-confronta-e-esclarece: uma análise do processo de metamorfose na perspectiva da Psicologia Social. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, v. 3, p. 30-51.
- Lima, A. F. (2010). *Metamorfose, Anamorfose e Reconhecimento Perverso. A identidade sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica*. São Paulo: FAPESP/ EDUC.
- Lima, A. F. (2012). A identidade como “problema” de pesquisa. *Ecos*, Niterói, 2 (2), 215-219.
- Lima, A. F. (2014). História Oral e Narrativas de Histórias de Vida: a vida dos Outros como material de pesquisa. In: *Lima, A. F. & Lara Junior, N. (Orgs.). Perspectivas Metodológicas em Psicologia Social Crítica*. Porto Alegre: Sulina. (no prelo).
- Lima, A. F. & Ciampa, A. C. (2012). Metamorfose humana em busca de emancipação: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. In: *LIMA, A. F. (Org.). Psicologia Social Crítica. Paralaxes do Contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina.
- Melo Neto, J. C. (1994). *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. (34a ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Reboredo, L. A. (1998). Psicologia Social: Curso e Percurso. In: *Anais do VII Encontro Regional da ABRAPSO-SP*. Bauru, SP: ABRAPSO.
- Ricoeur, P. (1991). *O Si Mesmo Como Um Outro*. Campinas, SP: Papirus.
- Ricoeur, P. (2006). *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola.
- Ricoeur, P. (2009). *História y narrativa*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Ricoeur, P. (2010). *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. Vol.3. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- Silva, M. L. (2006). Narrativa y configuración de identidades en Paul Ricoeur. *Ágora: Papeles de filosofía*, 25 (2), 103-118.

Recebido em 27/11/ 2015.

Aprovado para publicação em 18/01/2016.